





Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

REALIZAÇÃO

Ministério da Cultura

Ministra: Margareth Menezes

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Presidente: Leandro Antônio Grass Peixoto

Departamento de Patrimônio Imaterial

Diretor: Deyvesson Israel Alves Gusmão

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Diretor: Rafael Barros Gomes

Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro

Presidente: Edilberto Fonseca

Programa Sala do Artista Popular

Coordenadora: Ana Carolina Carvalho de Almeida
Nascimento

Pesquisa e texto

Daniel Reis

Fotografias

Daniel Reis - p. 11

Felipe Diniz - p. 33

Francisco Moreira da Costa - p. 3, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 30

Marcelo Ment - capa, p. 15, 16, 20, 24, 25, 31

Mário Schmidt - orelha

Produção audiovisual

Nó de Marimba

Expografia

Projeto: Jorge Dias | Utopia - Arte & Cenografia

Produtor: Nahin Fernandes | Utopia - Arte & Cenografia

Apoio: Flávia Klausing Gervásio | Museu de Folclore Edison Carneiro

Programação visual

Aurélio Fernandes | Traço Leal Publicidade e Assessoria

Projeto de iluminação

Thales Bueno

Edição e revisão de textos

Lucila Silva Telles

Natália Natalino | Traço Leal Publicidade e Assessoria

Parceria:



Realização:



45 ANOS
CNFCEP
45 ANOS
SAP



MINISTÉRIO DA
CULTURA





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, Iphan

M965

Mundo Ment / pesquisa e texto de Daniel Reis. – Rio de Janeiro :
Iphan, CNFCP, 2024. – (Sala do Artista Popular, n. 205)
36 p.

ISSN: 1414-3755

Catálogo de exposição realizada no período de 08 de
fevereiro de 2024 a 28 de abril de 2024.

1. Grafite. 2. Arte contemporânea. 3. Caligrafias urbanas. I.
Reis, Daniel. II. Série.

CDU 751

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesão em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas, no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



Graffiti de Marcelo Ment na Rua Jardim Botânico, Rio de Janeiro/RJ, 2019
Foto: Francisco Moreira da Costa



Daniel Reis

Afinal, o que é arte? Quem são os atores sociais e as redes de instituições que a produzem no mundo contemporâneo? Essa é uma inquietação constante no pensamento e no trabalho de Marcelo Ment, que nos instiga a refletir sobre caminhos, fronteiras e dilemas acerca dos sentidos atribuídos às artes e suas adjetivações: popular, urbana, contemporânea.

Nas obras de Ment, palavras, linhas, formas e cores se fundem para dar corpo a figuras humanas, complexos urbanos e imagens oníricas, para citar exemplos de um amplo repertório que reúne e expressa afeto, delicadeza, inventividade e força. Suas criações refletem sua inquietação e compromisso com a democratização da arte, seja enquanto grafiteiro, artista urbano, arte-educador, designer gráfico e, acima de tudo, cidadão.

Dos muros ao meio digital, passando por telas e impressões em 3D, suas obras manifestam uma linguagem particular construída ao longo de uma carreira iniciada em 1998 e nos fazem refletir sobre a importância do artista em fazer da arte um exercício de alteridade e ação estética, afetiva, social e política. Ou, como afirma o próprio artista, uma imersão ao graffiti como uma ferramenta e expressão para ver o mundo. Um convite a quebrar barreiras, rever conceitos e refletir sobre caminhos e o agora.

Desenhando um grafiteiro

Marcelo Vaz Coelho, o Ment, nasceu em 1977 na cidade de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro. Aos dois anos de idade mudou-se para Vila da Penha, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), onde viveu boa parte de sua vida até se instalar no bairro Laranjeiras, sede do time pelo qual é um apaixonado torcedor, o Fluminense. O nome artístico Ment vem de seu apelido na infância: seus amigos o chamavam de “cabeça” ou “mente”. Quando começou a grafitar, optou então por assinar como Mente. Foi seu parceiro Bragga quem sugeriu tirar o último “e” e assinar somente Ment — “pra ficar mais style”, afirma.

Oriundo de uma família modesta, Ment descreve uma infância e uma adolescência cercadas pelo afeto familiar. Seus pais, Nadir e Luiz Coelho, casaram-se ainda jovens e construíram suas vidas no subúrbio carioca. O pai, oriundo da Zona Norte carioca, trabalhou durante toda a vida numa loja de ferragens, aposentando-se como gerente do estabelecimento. A mãe era uma doceira de “mão cheia”. Passou a infância na zona rural do interior do estado e trabalhou nas ditas “casas de família” entre os 10 e 18 anos, quando se casou. Ment conta que o diagnóstico de diabetes aos 11 anos de idade fez com que ela se reinventasse: Dona Nadir voltou-se para suas origens, tornando-se uma profunda conhecedora de plantas medicinais e sistemas alimentares, saberes herdados de sua avó, de ascendência indígena, e lapidado pela busca do cuidado com seus filhos.

Marcelo Ment grafitando no MFEC/CNFCP, 2021
Foto: Francisco Moreira da Costa



Do avô paterno, Ment guarda forte afeição. João Brito Vaz Coelho foi um imigrante português que veio para o Brasil tentar uma vida melhor nas primeiras décadas do século 20. Estabeleceu-se inicialmente na Bahia, foi para o Amazonas, regressou à Bahia, onde se casou, migrando-se em seguida para o Rio de Janeiro, no bairro de Olaria. Era um aficionado pela história e pelos ideais do socialismo. Tornou-se metalúrgico e integrou movimentos sindicais. Foi, como muitos em seu tempo, um preso político por quatro anos em Ilha Grande, acusado, sem provas concretas, de simpatizar com o ideário comunista durante o regime militar no Brasil.

Ment é o mais novo de cinco irmãos cujas atividades profissionais também se relacionam com o universo da arte e da educação. Cláudio Vaz, ou Cláudio Cuíca, é músico, ator e professor de teatro há mais de 30 anos; Carlos Vaz, o Carlos Kaia, também é músico, professor e artista que trabalha com papel machê. Durante um tempo, eles também se dedicaram ao comércio de discos de vinil em espaços como a Cinelândia e Madureira. Solange Vaz, por sua vez, é professora do Estado do Rio de Janeiro, dedicando-se sobretudo aos processos de alfabetização. Por fim, Sônia Vaz é artesã e trabalha com o reuso de materiais recicláveis e ecologicamente sustentáveis.

Aos afetos e à vivência familiar, Ment atribui o estímulo para o mergulho nas artes visuais ainda na infância. Recorda que, aos cinco anos de idade, quebrou a perna e ficou meses com a mobilidade limitada devido ao gesso. Nesse período, o desenho foi sua principal forma de entretenimento e passatempo. Sua irmã Solange notou a habilidade do caçula e passou a

aguçar o seu interesse por meio das revistas em quadrinhos, além de levá-lo rotineiramente para visitar museus e exposições.

Ao longo de sua vida, Ment estudou desenho em instituições como o Senac e a Oberg, escola de formação de desenhistas. Em 2000, iniciou o curso técnico em design gráfico no Senai Cetiqt, formação que, embora não tenha concluído, foi de fundamental importância para amadurecer suas percepções sobre as possibilidades de atuação enquanto grafiteiro, desenhista e artista visual. A partir de então, uma série de oportunidades surgiram nos barracões das escolas de samba, empresas de cenografia e canais de telecomunicação. Criou uma rede de contatos e abriu portas de trabalho, muitas das quais mantêm diálogo até hoje.

Não obstante sua educação formal, Ment costuma dizer que sua principal escola foi a rua: “Porque as ruas me levaram a estar em contato com todo tipo de gente, a me aceitar e aceitar as diferenças e aprender a conviver com essas diferenças, né?”. Ele recorda as andanças desde a infância entre lugares de grande contraste, transitando pelas casas de familiares da Baixada Fluminense aos bairros da Zona Sul carioca. Aos 15 anos, ingressou no mundo do trabalho para ter sua independência e apoiar a família. Se, por um lado, as atividades que realizou estavam aquém de seus anseios, por outro, permitiram-lhe circular entre distintas configurações urbanas e conhecer melhor suas dinâmicas, como nos conta:

Um dos últimos empregos formais que eu tive foi como entregador numa empresa de produtos de laboratório. Então, eles tinham

laboratórios no Rio de Janeiro todo. Eu ia desde Alcântara, São Gonçalo, até Campo Grande, Paciência, Nova Iguaçu, Belford Roxo. Eu rodei tudo. E eu não gostava de fazer aquilo. Mas alguns poucos anos depois eu já reconhecia o quanto isso foi importante pra minha formação. Eu costumo dizer que a minha faculdade foi a rua. (Ment, 2018)

Das ruas veio o contato com a pixação. A estética dessas caligrafias urbanas exerceu grande influência em sua formação e ainda lhe provoca fascínio e reflexões sobre os usos da cidade. Para Ment, a pixação é um reflexo dos processos caóticos de ocupação do espaço urbano. Sobreposição estética de formas e cores em edifícios construídos sob a égide de discursos do progresso, da modernidade, que impacta nos modos de vida e na interação entre as pessoas. Como reflexo disso, a pixação é um mecanismo de se fazer visível nas cidades, de expressão e demarcação de espaços em que se vive e que se fabricam (in)visibilidades de sujeitos.

Como muitos grafiteiros, Ment iniciou sua trajetória deixando sua *tag* e pixando muros na cidade. Paulatinamente, foi construindo uma linguagem pessoal de forma intuitiva. Refinou sua percepção sobre o uso das cores ou sobre como cada lugar possui uma luz distinta que instiga ao diálogo com aquele território e, ao mesmo tempo, compreendeu como uma paleta de cores pessoal define um estilo artístico. Somou a isso a expressividade e a força da palavra, pois, como diz: “A palavra tem muita força, e por mais que ela esteja ali cifrada no

meio de uma pintura, ela é um retrato do que aquele cara quis dizer”. A partir daí, iniciou sua pesquisa sobre o impacto visual da palavra como imagem. Passou a mesclá-las com formas e a escrever mensagens que fluem de modo espontâneo e, paradoxalmente, quase imperceptíveis, ao mesmo tempo que sutilmente marcadas nas formas dos prédios e casinhas de seus desenhos.



Graffiti de Marcelo Ment no bairro da Lapa, Rio de Janeiro/RJ, 2021
Foto: Francisco Moreira da Costa



Graffiti de Marcelo Ment no bairro Humaitá, Rio de Janeiro/RJ, 2016
Foto: Francisco Moreira da Costa



Graffiti de Marcelo Ment na zona portuária do Rio de Janeiro/RJ, 2016
Foto: Daniel Reis

Para além das ruas, outro elemento que foi grande referência para Ment são as histórias em quadrinhos (HQs). Desde a infância, foi um voraz consumidor dessa linguagem imagética e literária: “Eu era viciado em *Turma da Mônica*, qualquer quadrinho. Tinha uns quadrinhos clássicos, uns de terror brasileiros que eu me amarrava, não vou lembrar agora o nome, mas tudo que era quadrinho me alucinava”, recorda. Dos mais simples aos mais conceituais, ele se declara ainda hoje um assíduo “devorador” dessa linguagem, indo de *X-Men* a *Angeli*, passando por *Crumb*, *Manara* e *Serperi*.

Um exemplo característico da influência das HQs na obra de Ment é o painel pintado na exposição *Os objetos e suas narrativas*, do Museu de Folclore Edison Carneiro, em 2016. Feito em parceria com Airá Ocrespo e Acme, o painel propõe um diálogo sobre os “folclores” que existem em torno da figura do grafiteiro, conversando com cenas emblemáticas do Rio de Janeiro. A forma de composição dessas cenas e os traços empregados em sua realização trazem referências diretas do mundo das HQs.

Linhas características do universo das HQs também podem ser identificadas nos rostos femininos desenhados por Ment. Traços humanos que se misturam a formas oníricas e poéticas, essas pinturas se tornaram marca distintiva de seu trabalho. Elas surgiram, no entanto, do desafio em superar a sua dificuldade com os contornos das feições femininas em seus desenhos.



Graffiti de Acme, Airá Ocrespo e Marcelo Ment no MFEC/CNFCP. Acima, a primeira versão, de 2016. Abaixo, a versão atual, de 2021

Foto: Francisco Moreira da Costa



Os anos 1990 trouxeram mais uma linguagem que se tornou uma forte influência para Ment: os videocliques. Nessa década, entrou no ar a MTV Brasil, a primeira versão em TV aberta, já que em outros países o canal era fechado, disponível apenas em pacotes de assinatura. O canal, dedicado à música e ao entretenimento, marcou época no país com a ousadia de sua programação, que apresentava os principais lançamentos musicais e informações sobre os artistas. Ment recorda uma série de produções que utilizavam alguma forma da linguagem visual do graffiti, como os clipes de *rap*, *hip-hop*, *rock*. Era uma fonte de entretenimento e pesquisa diária, que possibilitou ampliar seu vocabulário imagético. A MTV Brasil encerrou suas atividades em 2013 e ainda hoje é lembrada com nostalgia por uma geração que acompanhava sua programação diária.



Rádio adesivado no ateliê de Marcelo Ment na Glória, Rio de Janeiro/RJ
Foto: Francisco Moreira da Costa

A influência da música na vida e na obra de Ment é, no entanto, anterior. Como já mencionado, dois de seus irmãos são músicos. O próprio Ment se diz ser, em certa medida, um músico frustrado, nunca tendo conseguido se organizar para desenvolver essa habilidade. No entanto, um elemento desse universo teve papel decisivo: as capas dos discos de vinil. Desse contato, rememora:

Quando eu tinha ali uns 13, 14 anos, eu encontrei alguns discos que eu me identifiquei, de cara, com a questão do visual, com a capa desses discos. Do Kiss, principalmente, do AC/DC, do Black Sabbath. Algumas dessas capas foram muito marcantes pra mim, [como] a do Bob Marley, a do Rastaman Vibration. Essa capa eu fiquei muito curioso pra saber como o artista tinha chegado naquele resultado [...]. E aí, eu reproduzia os desenhos dessas capas. E o reggae era o gênero musical que eu tinha mais curiosidade e vontade de conhecer, de estudar, de entender as origens. (Ment, 2018)

As capas dos discos de vinil são consideradas por muitos como verdadeiras obras de arte. Despertam interesse, curiosidade e paixão de entusiastas, de colecionadores e do público em geral. Inicialmente, eram produzidas em papel pardo com um sentido meramente utilitário de embalar e proteger os discos. Foi no final da década de 1930 que surgiram os projetos gráficos personalizados que aludiam ao conteúdo musical a que estavam associadas, como estratégia de comunicação com o público e para alavancar as vendas. Aos poucos, ganharam uma dimensão central, vinculando um discurso visual e simbólico ao conteúdo sonoro (Montore;

Umeda, 2014). Faziam parte de um processo de deleite musical que envolvia, para além da escuta, a apreciação de todos os elementos que compunham o objeto disco de vinil.

Algumas capas destacam-se como icônicas na história fonográfica. Entre elas, está a do álbum homônimo do Black Sabbath (1970), o primeiro da banda, citada nas memórias de Ment. Há toda uma aura e discussões sobre a composição de seus elementos, como o lugar, a mulher que ocupa o primeiro plano, o que ela estaria segurando nas mãos, a presença do corvo. Sua estética soturna, em tons de marrom e cinza, marcou época e é tida como um caso ímpar de diálogo entre a capa e o conteúdo sonoro de um disco.

Já a capa de *Rastaman Vibration* (1976), de Bob Marley, tem a assinatura do icônico fotógrafo e artista gráfico Neville Garrick. Foi a primeira de várias capas produzidas para Bob Marley e que se soma a outras tantas produzidas para a cena do reggae nos anos 1970-1980, como Peter Tosh e Steel Pulse. Garrick, um aficionado por futebol e engajado com as lutas pelos direitos dos afro-americanos, tornou-se reconhecido também por suas produções cenográficas e luminotécnicas, incluindo a do festival Reggae Sunsplash. A capa de *Rastaman Vibration* foi recentemente eleita pela revista *Billboard* como uma das melhores capas de álbuns de vinil de todos os tempos.

Hoje, passados alguns anos, Ment também se tornou um autor de capas de discos. Nesse repertório, destacam-se *Transmutação*, de BNegão &

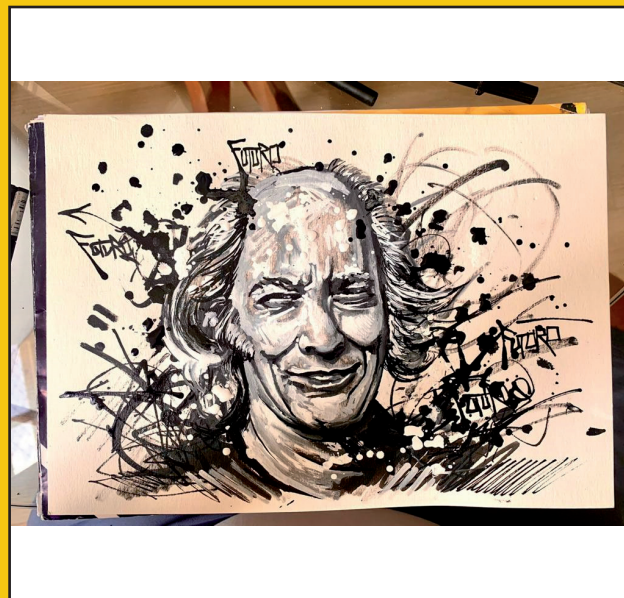
Seletores de Frequência, lançado em 2015; *Só Vem*, do cantor Thiaguinho, de 2017; *O Futuro Pertence à... Jovem Guarda*, de Erasmo Carlos, de 2022; e o do EP *Rio*, de Papatinho, de 2019. Essas capas refletem traços essenciais do trabalho de Ment, sua busca e seus estudos sobre a linguagem das capas de discos ao longo de anos.



Marcelo Ment com uma de suas obras em seu ateliê. Rio de Janeiro/RJ
Foto: Francisco Moreira da Costa



Capa do disco *Transmutação*, de BNegão & Seletores de Frequência, 2015
Foto: Marcelo Ment



Estudo para a capa do disco *O Futuro Pertence à... Jovem Guarda*, de Erasmo Carlos, 2019
Foto: Marcelo Ment

O conjunto de referências que compõem a linguagem visual de Ment é também marcado por encontros e parcerias com algumas pessoas. Dentre elas, destaca-se o poeta e artista plástico Eud Pestana, conhecido como Vavá, falecido em 2017. Eud foi um dos responsáveis pela criação do pioneiro *Desmaio Público*, *fanzine* que circulou no início dos anos 1990 com o objetivo de publicar poetas da Baixada Fluminense. Ment trabalhou com Vavá em muitos projetos, considerando-o um de seus principais mentores. Algumas dessas ações foram também os primeiros passos da empresa Utopia Arte & Cenografia, de outro grande e longo parceiro de trabalho, o artista e cenógrafo Jorge Dias.

A esse emaranhado de referências, Ment menciona carregar consigo a percepção da relevância e o compromisso político com a história e, por consequência, com a arte, herdada de seu avô, João de Brito. A arte, afirma, transcende a dimensão estética; é um compromisso social e um mecanismo para agir em prol da democratização da cultura e da formação de um espírito crítico no cidadão. O artista, segundo sua perspectiva, para além da dimensão estética e criativa, deve ser um cidadão comprometido com o seu tempo e fazer da arte um instrumento de transformação social.

Algumas obras de Ment nos apresentam de forma evidente esse diálogo, referência e reverência com a memória e a história. No bairro Estácio, na cidade do Rio de Janeiro, é autor de um mural em homenagem à ex-vereadora Marielle Franco. Já na Lapa, dois painéis integram o projeto intitulado Lapa Real, criado pelo coletivo Salve Lapa com o objetivo de retratar personas emblemáticas do bairro. Ment grafitou, em parceria com



Marielle Franco. Graffiti de Marcelo Ment no bairro Estácio, Rio de Janeiro/RJ, 2018
Foto: Marcelo Ment

Airá OCrespo e Bragga, um retrato de Dona Marlene, figura reconhecida por sua generosidade entre os moradores e frequentadores da região da rua Joaquim Silva, vitimada pela Covid-19. Outro retratado, em parceria com Caslu, foi o Senhor Edinho, considerado o “último malandro em atividade”, uma memória viva do bairro.



Dona Marlene. Graffiti de Airã O Cespo, Bragga e Marcelo Ment no bairro da Lapa, Rio de Janeiro/RJ, 2021

Foto: Francisco Moreira da Costa



Madame Satã. Graffiti de Marcelo Ment no bairro da Lapa, Rio de Janeiro/RJ, 2023

Foto: Francisco Moreira da Costa



Pixinguinha. Graffiti de Marcelo Ment na Fundação Progresso, Rio de Janeiro/RJ, 2018

Foto: Marcelo Ment



Sr. Edinho. Graffiti de Marcelo Ment e Caslu no bairro da Lapa, Rio de Janeiro/RJ, 2023

Foto: Francisco Moreira da Costa



Outro “malandro” retratado por Ment é Madame Satã. Este, por sua vez, foi realizado tendo como referência visual a conhecida fotografia de Walter Firmo. O diálogo com a obra do fotógrafo também pode ser visto em outro painel, na Fundação Progresso. Em uma das empenas do prédio, o passante pode vislumbrar a imagem de Pixinguinha, inspirado em sua célebre foto, reclinado em uma espreguiçadeira munido de seu saxofone.

Ment pintou ainda uma série de obras que reverenciam o universo do samba, justificando esse trabalho como uma forma de suprir uma lacuna na memória e importância desses personagens, conforme afirma:

Me chamava a atenção essa falta de retratação dessas referências. Durante um período, de maneira muito intuitiva e por estar ali com meus irmãos no Estácio, São Carlos... A gente estava sempre por lá. E tinha umas rodas de samba, Cacique de Ramos e tal. Eu tive a oportunidade de ver algumas pessoas, de conhecer algumas pessoas, alguns desses artistas; de estar presente dentro desse universo, de estar com eles enquanto observador, enquanto ouvinte. Então, durante um período, eu literalmente me joguei retratando esses personagens, como Dona Ivone Lara, Jovelina Pérola Negra. O primeiro desses artistas que eu retratei, e que eu tive a oportunidade de conhecer, foi o Noca da Portela. Então, eu fiz o Zé Ketí, fiz o Ataulfo Alves, fiz o Cláudio Camunguelo, que era uma figura muito conhecida aqui na região central da cidade; ele fazia ali todo ano a roda em homenagem a São Jorge, que era perto do aniversário dele. Se não me engano, ele fazia aniversário junto. Teve uma série de personagens, de

personas, que eu fui retratando — mas sempre, como eu falei, sempre de maneira intuitiva. Essa relação também com o Bezerra da Silva, depois com o Cartola, que era tricolor, que é meu time do coração também. Então eu sempre achei que, assim como dentro da cultura hip-hop, existe uma importância de a gente reverenciar as pessoas que vieram antes de nós. (Ment, 2018)



Cartola. Graffiti de Marcelo Ment no bairro Laranjeiras, Rio de Janeiro/RJ, 2024. Foto: Marcelo Ment

O graffiti como processo...

O desenvolvimento de uma linguagem própria no universo do graffiti para Ment, não obstante as referências e cursos, resultou de um longo processo de observação e pesquisa. Sua geração enfrentou uma série de obstáculos para se consolidar enquanto grafiteiros e artistas urbanos em meados dos anos 1990. Entre seus contemporâneos, são comuns as narrativas sobre as dificuldades de acesso a informações e materiais; a necessidade de fazer gambiarras e adaptações nos bicos das latas de tinta, duros e de baixa qualidade, para controlar e modular os traços; a busca por materiais alternativos para pintar, diante das restritas opções de cores de tintas; para além dos riscos e estigmas associados a imagem do grafiteiro sempre oscilando entre a arte e a marginalidade.



Marcelo Ment grafitando no bairro Vila da Penha, Rio de Janeiro/RJ, 2023
Foto: Francisco Moreira da Costa

Alternativas como a utilização de látex para a base dos desenhos e o uso de bicos de desodorantes, eram algumas das opções exploradas. Num cenário de escassez, o relativo romantismo narrado hoje em relação às dificuldades sobre os tempos de outrora traz como pano de fundo a obstinação das pessoas em produzir e permanecer na cena da arte urbana, como sublinha outro nome importante dessa geração, Binho Ribeiro, de São Paulo.

O grafiteiro se forjava nas ruas com sua resiliência e inventividade. As poucas publicações existentes eram tidas como preciosidades. Ment recorda a revista *Graffiti*, que teve como principal editor o já citado Binho Ribeiro. Num momento em que a internet e o mundo digital ainda eram incipientes, a revista era uma das principais fontes de informação e um “cartão de visita” para grafiteiros no país. Idealizada no final dos anos 1990, a *Graffiti* teve 78 edições publicadas e seu conteúdo é lendário no universo dos grafiteiros. As tiragens chegaram a ser de 35 mil exemplares por edição, lançadas bimestralmente, para além de complementos especiais. Traziam conteúdos sobre a cena do graffiti de todo o país e ainda tutoriais, por exemplo, sobre como organizar material para ser enviado para publicação ou como organizar eventos para grafitar muros.

Ment recorda ainda a existência de um circuito de encontros de graffiti em diferentes cidades, um laboratório de troca de experiências únicas,



Cores e tintas na bancada de trabalho do ateliê de Marcelo Ment. Rio de Janeiro/RJ, 2023
Foto: Francisco Moreira da Costa

com pessoas oriundas de várias partes do país. Local de encontro de nomes que muitas vezes viam em revistas como a *Graffiti* e então tinham oportunidade de conhecer e dialogar. Como cita,

Havia muitos encontros de graffiti. Encontro de graffiti em Curitiba, [eu] pegava um ônibus na rodoviária, dava um jeito, parcelava a passagem. Minha mãe, na época, dizia: “Pô, tu vai ganhar o que com isso?”; [eu respondia]: “Ah, vou ganhar nada. Estou indo pra conhecer gente pra pintar; beleza, [também] estou indo pra conhecer outra cidade.” Pra Porto Alegre, 24 horas de ônibus. Pra Bahia... Me jogava mesmo! (Ment, 2018)

Na cidade do Rio de Janeiro, alguns espaços tiveram grande importância. Airá Ocrespo, por exemplo, recorda a relevância de uma série de oficinas de graffiti que ocorriam em algumas escolas na Zona Norte do Rio durante a passagem dos anos 1990-2000 (Reis, 2007). Ment foi instrutor em vários desses projetos, como o Rio Grafite, em 2001, realizado na Escola Estadual Professor Clóvis Monteiro. Desse contexto, surgiram nomes importantes para a atual cena do graffiti carioca, incluindo o próprio Ment, além de Pandro Nobã, Mario Bands, Airá Ocrespo, Bragga, Preas, entre outros.

Outro lugar de suma relevância foi o histórico bairro da Lapa, que passava por um processo de revitalização naquele momento. Locais como a Fundação Progresso e a festa Zoeira, produzida por Elza Cohen, que ocorria na extinta sinuca Palácio dos Arcos, foram fundamentais para a construção de uma territorialidade do graffiti e do *hip-hop* para Ment e sua geração. O bairro tornou-se ponto de encontro, troca de ideias, batalhas de rimas e *spray* entre músicos independentes, MCs e dançarinos de *break* nos anos 1990. Configurou-se como um laboratório para a construção de subjetividades, coletivos e o desenvolvimento de projetos e parcerias.

Eu morava na Zona Norte, na Vila da Penha. Tinha muitos amigos do Méier, Olaria, Ramos, e a gente tinha um ponto de encontro. Tinha o Viaduto de Madureira que já era meio que tradicional o baile black, o baile charme. De certa maneira, estávamos ali escutando música black, música soul, escutando rap. E já tinha uma galera ali da Zona Oeste

que pintava; tinha o Scrawl, que era uma dupla na época e que está em atividade até hoje. Tinha o pessoal de São Gonçalo, o Fábio Ema, o Marcelo Eco. E existia [o nosso] ponto de encontro que era aqui na Lapa. A [festa] Zoeira, no final da década de 1990, foi onde teve essa explosão. Onde todo mundo se encontrava, onde vinham os artistas de São Paulo, o Binho [Ribeiro], uma galera que já colava aqui [...]. De certa maneira, era tudo muito orgânico. E existia esse ponto de encontro que era a festa Zoeira, onde a galera começou a despontar ali. A Hemp Family, Marcelo D2, Black Alien, o próprio BNegão também, que é um parceiro [...]. Nessa época, era o fervo ali; tinha gente de tudo que era lugar. Às vezes, encontrava e fazia um graffiti antes do evento ou depois. Dessa época, surgiram alguns coletivos, algumas organizações. Muitos ainda estão em atividade. (Ment, 2018)

Foi nesse contexto que surgiu o Nação Crew, em meados de 2000, criado por um grupo de amigos que, além de Ment, contou com nomes como Airá Ocrespo, Bragga, Preas, Chico, Gais, Stile e Machintal. A proposta do coletivo era usar o graffiti para comunicar e reivindicar um mundo mais equânime, transitando entre muros, telas, galerias, projetos sociais e comerciais. O trabalho do grupo alcançou as ruas de uma ponta a outra da cidade e ocupou espaços como a Severo 172, galeria pioneira no cenário das artes urbanas na cidade do Rio. Numa entrevista de 2007 ao site Overmundo, Ment afirma:

Eu já fazia alguns trabalhos educacionais em escolas, mas não tinha essa noção da força que o grafitti tem como ferramenta de levar a arte pra pessoas que não têm acesso. É uma ferramenta muito direta; você fala diretamente pras pessoas de igual pra igual, sem diferenciação de classe.

Em 2004, a trajetória do Nação Crew foi registrada em um premiado documentário de curta-metragem intitulado *Nação*, de Erick Maximiliano Oliveira. Embora ainda exista oficialmente, as ações do grupo tornaram-se mais dispersas em função das agendas e demandas de trabalho individual de cada um de seus integrantes.

No início dos anos 2000, cabe mencionar alguns marcos relevantes, como o surgimento de lojas especializadas. Começava a chegar ao mercado novas marcas e cores de tinta, com bicos de melhor qualidade, abrindo assim um leque de possibilidades. Pouco depois, a Colorgin, uma marca nacional de tinta *spray*, decidiu lançar uma linha específica para arte de rua, chamada Colorgin Arte Urbana. O produto era descrito como voltado especificamente a esse público, trazendo pigmentos de qualidade superior, maior gama de tonalidades e acabamento fosco. Gradativamente, outras marcas foram se tornando acessíveis. O uso de adaptações, gambiarras e materiais alternativos, no entanto, continua a ser feito em função da busca dos grafiteiros por novas linguagens (Freitas, 2017).

... e o graffiti como visão de mundo

Hoje, Ment é um nome reconhecido na cena das artes urbanas. Suas obras estão espalhadas por muros, coleções e museus do Brasil e do exterior, além de marcar presença em publicações que são referência no gênero, como a *Street Fonts: Graffiti Alphabets from Around the World* (2011), de Claudia Walde, que mapeou caligrafias urbanas de graffiti em 154 países. É o único brasileiro a integrar a renomada Stick Up Kids Crew, fundada em 1993 pelo alemão Can2, que reúne artistas urbanos de todo o mundo. Foi ainda vencedor do Prêmio Hutúz em 2003, na categoria “Trabalho de Graffiti”, com uma obra que fazia crítica à guerra no Iraque.

O graffiti, afirma Ment, possibilitou-lhe a oportunidade de ver e conhecer o mundo, ao mesmo tempo em que se tornou a maneira como percebe e se comunica com ele. Permitiu-lhe acessar lugares e pessoas antes inimagináveis. Além de participar dos circuitos de arte urbana em distintas cidades brasileiras, destaca-se a sua primeira viagem de avião aos 27 anos e, logo em seguida, as experiências internacionais. Para citar exemplos, em 2004 Ment foi convidado para um intercâmbio pela Caramundo, instituição holandesa que promove ações de fomento nas áreas da arte e do esporte na América Latina. Em 2010, realizou uma residência artística em Paris, França, por meio de um projeto realizado pela Aliança Francesa. Em 2016 e 2017, foi convidado para ministrar

palestras na Escola de Artes e Ciências da Brandeis University, em Boston, EUA, sobre a cena do graffiti carioca. Em 2018, de volta aos EUA, pôde grafitar, trocar experiências e conhecer nomes que considerava referência no campo do graffiti como Daze, no Bronx, Nova Iorque. No ano seguinte, pintou nas ruas de Chicago e Nova Iorque, onde fez um mural no Brooklyn que contribuiu de modo significativo para a mudança na paisagem urbana de uma área então degradada e, hoje, frequentada por jovens e crianças.



Graffiti de Marcelo Ment em Paris, França, 2010
Foto: Marcelo Ment



Graffiti de Marcelo Ment no bairro do Brooklyn, Nova Iorque/EUA, 2016
Foto: Marcelo Ment



Graffiti de Marcelo Ment no bairro do Brooklyn, Nova Iorque/EUA, 2017
Foto: Acervo pessoal de Marcelo Ment



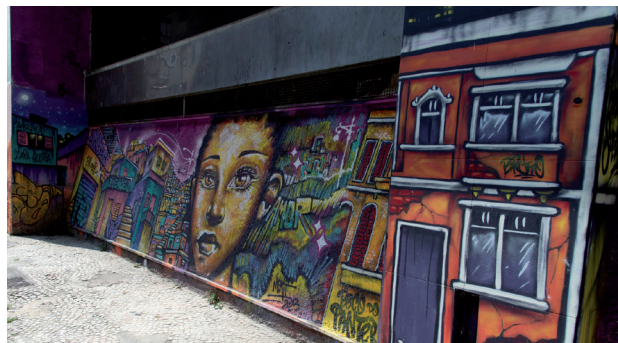
Graffiti de Marcelo Ment no bairro do Brooklyn, Nova Iorque/EUA, 2019
Foto: Marcelo Ment

Ment costuma dizer que sua carreira se construiu de forma fluida. Reflexo do acaso e da obstinação pelas formas visuais. Seu portfólio acumula participações em exposições, como o Salão Internacional de Arte Contemporânea no Carrousel du Louvre, no museu homônimo, em Paris, no ano de 2018; a I Bienal Internacional Graffiti Fine Art, em São Paulo, no ano de 2010; e *Ment: Brazilian Graffiti Artist*, sua primeira exposição individual, em Amsterdam, Holanda, no ano de 2008.

Além disso, Ment sempre esteve envolvido em ações que utilizam a linguagem do graffiti como intervenção urbana. Para além do citado projeto Lapa Real, integra, por exemplo, o coletivo responsável pela criação do Beco do Pantera, projeto idealizado pelo rapper Chacal, que prevê a criação de um museu aberto de graffiti numa região degradada do bairro da Lapa, como forma de ocupação e revitalização do lugar. Nessa mesma região, havia pintado alguns anos antes um painel de São Francisco, a convite da cúria local, na lateral da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, na rua da Lapa.

Por fim, entre inúmeros projetos “comerciais”, mencione-se os realizados em seu clube do coração, o Fluminense, como a pintura do gigante mosaico em 3D do sambista Cartola, em 2023, e o painel em homenagem ao emblemático goleiro Carlos Castilho.

Como forma de organizar e difundir melhor o seu trabalho, Ment criou um site no qual é possível navegar por sua trajetória, saber mais sobre seu portfólio e até mesmo adquirir algumas de suas obras. Mas é em seu



Graffiti de Marcelo Ment no Beco do Pantera, bairro da Lapa, Rio de Janeiro/RJ, 2023
Foto: Francisco Moreira da Costa



São Francisco. Empena da Igreja de Nossa Senhora do Carmo no bairro da Lapa, Rio de Janeiro/RJ, 2018. Foto: Francisco Moreira da Costa

ateliê, localizado no bairro da Glória, ao lado da galeria Severo 172, onde Ment produz obras de diferentes formatos em sua bancada repleta de canetas, latas de *spray* e outros materiais que utiliza como matéria-prima. Além de local de trabalho, o ateliê é um espaço de troca e convívio, onde recebe amigos, clientes e visitas de alunos de diversos cursos interessados em graffiti.



Ateliê de Marcelo Ment no bairro Glória, Rio de Janeiro/RJ, 2023
Foto: Francisco Moreira da Costa

Para além dos rótulos, do *glamour* e dos estigmas, Ment pensa o graffiti como um estilo de vida. Essa perspectiva de estar no mundo pode ajudar a conduzir alguém por diferentes caminhos, entre eles, o do reconhecimento como artista por meio dos exercícios de alteridade que provoca, conforme afirma:



Marcelo Ment trabalhando em seu ateliê, 2023
Foto: Francisco Moreira da Costa

Às vezes, as pessoas falam: "Ah, você é um grafiteiro profissional?". Eu acho isso bem louco porque, pra mim, o graffiti é um estilo de vida. O cara que faz graffiti, a amiga que faz graffiti, ela pode até se tornar uma tatuadora, uma jornalista, mas o graffiti não é uma profissão; é um estilo de vida. Ele influencia diretamente no tipo de arte que eu gosto, que eu consumo, na forma como eu me visto, nas músicas que eu escuto. Eu acho que o graffiti me levou a me tornar um artista desde o momento em que ele me levou a conhecer outras culturas, a transitar por diferentes lugares da cidade onde eu cresci, do estado onde eu nasci, cresci e vivi. E o que eu acho mais louco assim, em relação à pesquisa, à pesquisa artística, à produção, ao envolvimento com a música, é poder transitar em diferentes lugares e ter acesso livre por esses lugares. (Ment, 2018)

O graffiti, para Ment, é um ato coletivo que caminha junto às redes de afeto. Um exemplo disso é o processo de repintura do mural que retrata o sambista Bezerra da Silva, no bairro Vila da Penha. O painel foi originalmente pintado em 2007 e, desde então, permaneceu praticamente intacto, sofrendo apenas a erosão do tempo. Devido à sua relação pessoal e de familiares com o universo da música e do samba, e pela ressonância e aceitação que ele teve no espaço em que ocupa, onde ouvia várias pessoas falando sobre esse painel e o carinho que tinham com ele, Ment decidiu refazê-lo.

Numa tarde de setembro de 2023, Ment organizou a repintura do mural. O evento mobilizou uma rede de amigos, familiares e vizinhos que

acompanharam e contribuíram para a sua realização. Seja trazendo água, lanche, caixa de som ou um abraço de quem não se via já há algum tempo – como o de um dos filhos de Bezerra da Silva, que esteve presente –, o evento constituiu-se em um movimento coletivo de pintura. Ment destaca que é recorrente, durante os processos de pintura, a agregação de pessoas que desejam, de algum modo, contribuir, ressaltando o papel social da arte urbana.



Marcelo Ment grafitando mural que retrata Bezerra da Silva, bairro Vila da Penha, Rio de Janeiro/RJ, 2023. Foto: Francisco Moreira da Costa



Família e amigos de Marcelo Ment presentes na pintura do mural que retrata Bezerra da Silva, bairro Vila da Penha, Rio de Janeiro/RJ, 2023
Foto: Francisco Moreira da Costa



Pintura do mural que retrata Bezerra da Silva, bairro Vila da Penha, Rio de Janeiro/RJ, 2023
Foto: Francisco Moreira da Costa



Marcelo Ment e Eduardo Cookie grafitando mural que retrata Bezerra da Silva, bairro Vila da Penha, Rio de Janeiro/RJ, 2023. Foto: Francisco Moreira da Costa

O processo de (re)construção do mural de Bezerra da Silva reavivou a atenção de Ment para o impacto do graffiti na vida das pessoas em dimensões que escapam ao seu controle e às suas expectativas. Disposto no espaço urbano, é uma obra aberta às mais distintas leituras e possibilidades de interpretação e impacto. Sobre isso, descreve a relação de seu painel com o grafiteiro e artista visual Eduardo Cookie:

O Eduardo, o Cook, ele me falou que no dia da pintura, em 2007, ele estava em casa e acompanhou o processo. Ele tinha 14 anos na época e falou que aquele dia foi decisivo pra ele falar: "Pô, quero ser um artista". Às vezes, a gente não tem noção do quanto o que nós fazemos pode influenciar outras pessoas. Porque como está na rua, não fica restrito a um público específico como dentro de um museu, dentro de uma galeria. Eu acho que o grande lance do graffiti, da arte urbana, é esse: você tirar a arte da caixa, tirar a arte do suporte e levar pra rua pra qualquer pessoa ter acesso, pra qualquer pessoa observar. Então, esse lance da troca, o graffiti é um exercício de coletividade. Porque os artistas podem interagir entre si, tentar entender até onde o outro pode ir, o que o outro pode oferecer pra construir algo juntos. A gente poder desenvolver murais, ações ou até mesmo atividades em que a gente possa perceber o quanto criar novas referências é importante. (Ment, 2023)

Outro exemplo que vai nessa direção, recorda Ment, é um painel que pintou em homenagem aos garis na Lapa. Pouco tempo depois, começou a receber relatos sobre a interação desses profissionais com o painel.

O local foi "adotado" por eles como espaço de reconhecimento, onde se veem, sendo recorrente serem vistos fotografando e tirando *selfies* junto a ele.



Graffiti em homenagem aos garis no bairro da Lapa, Rio de Janeiro/RJ, 2023
Foto: Francisco Moreira da Costa

Pintar um muro envolve, para além da imaginação, afeto e engajamento social, um processo de produção que articula várias pessoas; por consequência, uma ferramenta de movimentação econômica, já que demanda trabalho de diversas esferas. A escolha das latas e cores de tintas, equipamentos de EPI, o diálogo com as pessoas em torno do local que será pintado, a troca com assistentes, as pessoas que passam, fazem parte desse "mundo de arte", para citar o clássico trabalho de Howard Becker (2010) e sua acertada perspectiva sobre a dimensão coletiva da arte.

Por outro lado, a arte também envolve processos de autoria. Esse é um dos principais desafios de Ment atualmente. Conforme relata, são recorrentes os usos comerciais de seu trabalho sem a devida creditação. Algo que extrapola a questão do uso, mas faz pensar no próprio reconhecimento do graffiti e da arte urbana enquanto linguagem artística única e autoral no sentido mais amplo.

Graffiti, “pixo”, arte urbana, *street art*, arte contemporânea. Há uma longa discussão sobre como classificar, agrupar e distinguir a linguagem do *spray*, envolvendo pesquisadores, grafiteiros, órgãos de segurança pública, curiosos. O graffiti extrapolou os muros, multiplicou seus suportes e foi incorporado por diversas formas de linguagem visual contemporânea. Continua, ainda assim, circulando entre o sublime e o espúrio; a vanguarda e o gueto. Seus praticantes seguem questionando formas rígidas de enquadramento, preferindo o trânsito entre as várias possibilidades que o *spray* e seus suportes oferecem (Reis, 2017)

A onipresença contemporânea dessa forma de expressão contrasta com a dificuldade de definições quanto aos seus contornos por pesquisadores e especialistas. Em 2015, a Pinacoteca de Paris sugeriu o termo “pressionistas” para reunir, ainda que de forma precária, os distintos atores sociais que fazem uso da linguagem do *spray* como forma de expressão. (Ex)Pressão que surge do gesto de pressionar a bomba da lata de tinta. Para além disso, podemos sugerir o “pressionismo” como pressão no cenário urbano por novas formas de ocupação da cidade; pressão por outras formas de percepção do que pode ser arte e por mais alma nas ruas da cidade. Ou, nos termos de Ment,



Graffiti de Marcelo Ment em São Paulo/SP, 2018
Foto: Marcelo Ment

O mais importante é pensar o quanto a arte pode ser pra construir, pra trocar, pra fazer com que as pessoas tenham uma linha e um pensamento mais aberto. Onde elas tenham opções de desenvolver o seu próprio pensamento, a sua própria opinião, e não seguir certas fórmulas, certos mecanismos que acabam criando uma guerra em que todos nós perdemos.

Bibliografia

BECKER, Howard S. *Mundos da arte*. Lisboa: Livros Horizonte, 2015.

DIÓGENES, Glória. A arte urbana entre ambientes: “dobras” entre a cidade “material” e o ciberespaço. *Etnográfica*, Lisboa, v. 19, n. 3, p. 537-556, out. 2015.

FIGUEROA-SAAVEDRA, Fernando. Estética popular y espacio urbano: el papel del graffiti, la gráfica y las intervenciones de calle en la configuración de la personalidad de barrio. Disparidades. *Revista de Antropología*, Madri, v. 62, n. 1, p. 111-144, 2007.

FREITAS, Thyanne. *Pintando com elas*: uma etnografia a partir do coletivo de graffiti Freedas Crew. 2017. 156 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belém, 2017.

FURTADO, Janaina Rocha. Tribos urbanas: os processos coletivos de criação no graffiti. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 217-226, 2012.

GANZ, Nicholas. *O mundo do grafite*: arte urbana dos cinco continentes. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HAYDEN, Dolores. *The Power of Place*: Urban Landscapes as Public History. Cambridge: Mit Press, 1997.

LEMOINE, Stéphanie. *L'art urbain*: du graffiti au street art. Paris: Gallimard, 2012.

MENT, Marcelo. Entrevista com Marcelo Ment. Rio de Janeiro: Iphan; CNFCP, 2018. 3 arquivos de vídeo, extensão MTS. Entrevista concedida a Daniel Reis.

MENT, Marcelo. Entrevista com Marcelo Ment. Rio de Janeiro: Iphan; CNFCP, 2023. 1 arquivo de vídeo, extensão MTS. Entrevista concedida a Daniel Reis.

MONTORE, Marcelo; UMEDA, Guilherme Mirage. O design da bossa nova: visualidade sonora nas capas de Cesar Villela para a gravadora Elenco. *Estudos em Design*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 80-97, 2014.

REIS, Daniel. *Verso & spray*: Airá OCrespo. Rio de Janeiro: Iphan; CNFCP, 2017. (catálogo de exposição)

RESELLINI, Marc (org.). *Le pressioannisme 1970-1990*: les chefs-d'oeuvre du graffiti sur toile, de Basquiat à Bando. Paris: Pinacothèque, 2015. (catálogo de exposição)

SILVA, Armando. *Atmosferas urbanas*: grafite, arte pública, nichos estéticos. São Paulo: Edições Sesc, 2014.

WALDE, Claudia. *Street Fonts*: Graffiti Alphabets from Around the World. Londres: Thames & Hudson, 2011.



MARCELO
MENT

Sala do Artista Popular | CNFCP
Rua do Catete, 179 (metrô Catete)
Rio de Janeiro – RJ cep 22220-000
mercado.folclore@iphan.gov.br
www.cnfcp.gov.br



RIO DE JANEIRO, 08 DE FEVEREIRO A 28 DE ABRIL DE 2024

MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR